

Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos Caminhos de Ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França) torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado profeta e justiceiro dos Reis; e Balzac com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe vasto como o Universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! Naquela geração nervosa, sensível e *pálida* como a de Musset (...), todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaraça!”

“Um Génio que era um Santo”, *Antero de Quental* - In Memoriam

A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma *Alma Mater*, a mãe criadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabujenta, de quem todo o espírito digno se deseja libertar (...).

“Um Génio que era um Santo”, *Antero de Quental* - In Memoriam

No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma atitude – a de permanente rebelião.

“Um Génio que era um Santo”, *Antero de Quental* - In Memoriam

[Carlos] Matriculou-se realmente com entusiasmo. Para esses longos anos de quieto estudo o avô preparara-lhe uma linda casa em Celas (...). Um amigo de Carlos (um certo João da Ega) pôs-lhe o nome de «Paços de Celas», por causa de luxos então raros na Academia (...).

(...) quando se soube porém que o dono destes confortos lia Proudhon, Augusto Comte, Herbert Spencer, e considerava também o país uma *choldra ignóbil* – os mais rígidos revolucionários começaram a vir aos Paços de Celas tão familiarmente como ao quarto do Trovão, o poeta boémio, o duro socialista, que tinha apenas por mobília uma enxerga e uma Bíblia.

Ao fim de alguns meses, Carlos, simpático a todos, conciliara Dandys e Filósofos (...).

Os Paços de Celas, sob a sua aparência preguiçosa e campestre, tornaram-se uma fornalha de actividades. No quintal fazia-se uma ginástica científica. Uma velha cozinha fora convertida em sala de armas – porque naquele grupo a esgrima passava como uma necessidade social. À noite, na sala de jantar, (...) havia ruidosos e ardentes cavacos, em que a Democracia, a Arte, o Positivismo, o Realismo, o Papado, Bismarck, o Amor, Hugo e a Evolução, tudo por seu turno flamejava no fumo do tabaco, tudo tão ligeiro e vago como o fumo. E as discussões metafísicas, as próprias certezas revolucionárias adquiriam um sabor mais requintado com a presença do criado de farda desarrolhando a cerveja, ou servindo croquetes.

*Os Maias*

João da Ega, com efeito, era considerado (...) na Academia, que ele espantava pela audácia e pelos ditos, como o maior ateu, o maior demagogo, que jamais aparecera nas sociedades humanas. Isto lisonjeava-o: por sistema exagerou o seu ódio à Divindade, e a toda a Ordem social: queria o massacre das classes médias, o amor livre das ficções do matrimónio, a repartição das terras, o culto de Satanás. O esforço da inteligência neste sentido terminou por lhe influenciar as maneiras e a fisionomia; e, com a sua figura esgrouviada e seca, os pelos do bigode arrebitados sob o nariz adunco, um quadrado de vidro entalado no olho direito – tinha realmente alguma coisa de rebelde e de satânico. Desde a sua entrada na Universidade, renovara as tradições da antiga Boémia: trazia os rasgões da batina cosidos a linha branca; embebedava-se com carrascão; à noite, na Ponte, com o braço erguido, atirava injúrias a Deus.

*Os Maias*

O protesto de Antero foi portanto moral, não literário. A sua faiscante carta *Bom-Senso e Bom-Gosto* continuava, nos domínios do pensamento, a guerra por ele encetada contra todos os tiranetes, e pedagogos, e reitores obsoletos, e *gendarmes* espirituais, com que topava ao penetrar, homem livre, no mundo que queria livre. (...) Por isso o seu ataque sobretudo nos impressionou, não só pelo brilho superior da sua ironia, mas pela sua tendência moral, e pela quantidade de revolução que continha aquela altiva troça ao déspota do purismo e do *lexicon*. Castilho, armado da sua férula, e tendo a pretensão de dar com ela palmatoadas nas almas, aparecia aos nossos olhos, criadores de Fantasmas, como um verdadeiro monstro: Antero, crivando de setas de oiro os flancos vernáculos do monstro, foi para nós como um Sagitário Libertador.

“Um Génio que era um Santo”, *Antero de Quental* - In Memoriam

A crónica vem hoje um tanto envergonhada, e todavia ela tem muito que dizer.

Aqui nesta velha cidade, há sempre que contar: romances, crimes, festas, cavalgadas, tudo.

Todos os dias se diz: Évora está morta. Évora é um velho sepulcro. Todos os que vivem em Évora estão finados. Se alguma vez se diz *morreu fulano*, é para se fazer acreditar que até aqui estava vivo. Dizem-se mil coisas neste género.

E, no entanto, nada mais falso.

*Distrito de Évora* de 13 de janeiro de 1867

Sr. redactor do *Diário de Notícias*:

I - Venho pôr nas suas mãos a narração de um caso verdadeiramente extraordinário em que intervim como facultativo, pedindo-lhe que, pelo modo que entender mais adequado, publique na sua folha a substância, pelo menos, do que vou expor.

Os sucessos a que me refiro são tão graves, cercados um tal mistério, envolve-os uma tal aparência de crime que a publicidade do que se passou por mim torna-se importantíssima como chave única para a desencerração de um drama que suponho terrível conquanto não conheça dele senão um só ato e ignore inteiramente quais foram as cenas precedentes e quais tenham de ser as últimas.

Há três dias que eu vinha dos subúrbios de Sintra em companhia de F..., um amigo meu, em cuja casa tinha ido passar algum tempo.

*O Mistério da Estrada de Sintra*

Há catorze anos, numa noite de verão no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em torno de nós cabeceava de sono ao som de um soluçante *pot-pourri* dos *Dois Foscaris*, deliberámos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, num romance tremendo, buzinado à baixa das alturas do *Diário de Notícias*.

“Prefácio - Carta ao Editor do *Mistério da Estrada de Sintra*”, 3ª ed.

Conhecem o Diabo? Não serei eu quem lhes conte a vida dele. E todavia sei de cor a sua legenda trágica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma.

A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi ele quem inventou os enfeites que enlanguescem a alma e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia em certos momentos da história, o Diabo é o representante imenso do direito humano. Quer a liberdade, a fecundidade, a força, a lei.

“O Senhor Diabo (conto)”, *Gazeta de Portugal*

No *Fausto* de Ch. Gounod a figura dramática e sintética é o Mefistófeles.

(...) só Mefistófeles vive! E a sua grande figura angulosa, nervosa, elástica, incisiva, atravessa o drama – os seus lirismos nostálgicos, as suas sensualidades tristes, os seus misticismos artificiais – sinistra, glorificando a força brutal do dinheiro, escarnecendo as castidades expirantes, empurrando o Fausto espiritualista para a violência lasciva, combatendo a serena inspiração do Cristo, negociando em almas, e abatendo toda a penosa construção da honra, do dever, do perdão, do amor, da purificação – com o riso trágico do mal!

Aquela ópera é uma simples aventura do antigo Diabo.

“Mefistófeles - J. Petit”, *Gazeta de Portugal*

[Carlos] viu, ao abrir-se a porta por onde entrou um sopro áspero da noite, aparecer vivamente uma forma esguia e vermelha, com um confuso tinir de ferro. Depois, pela escada acima, duas penas negras de galo ondearam, um manto escarlate esvoaçou – e o Ega estava diante dele, caracterizado, vestido de Mefistófeles!

Carlos apenas pôde dizer *bravo* – o aspecto do Ega emudeceu-o. Apesar dos toques de caracterização que quase o mascaravam – sobranceiras de diabo, guias de bigode ferozmente exageradas – sentia-se bem a aflição em que vinha, com os olhos injectados, perdido, numa terrível palidez.

*Os Maias*

No dia seguinte ao da chegada, descemos todos a terra para a cerimónia da inauguração. Do lado oposto aos molhes, para além da cidade, tinham-se construído três pavilhões, estrados tapetados e brasonados, sobre a areia húmida da espuma do mar. Era nesse lugar a celebração religiosa: os ulemás e os padres cristãos deviam abençoar e consagrar nos seus ritos o canal de Suez. Um grande cortejo de convidados precedidos dos príncipes, entre os quais sobressaía a pensativa e bela figura de Abd el-Kader, dirigiu-se para esse lugar, entre duas fileiras de soldados egípcios, de arcos, de bandeiras, e de árabes que abriam grandes olhos. No pavilhão principal, de cores triunfantes, colocavam-se os convidados reais e imperiais e os mais que podiam caber; no outro pavilhão estavam os ulemás maometanos; no terceiro os padres latinos, gregos, arménios e coptas.

(...) Entretanto a multidão apinhava-se sobre a areia húmida e em volta dos estrados; a grossa figura vermelha do quediwa estava radiosa, a imperatriz tinha um ar de satisfação discreta, Mr. De Lesseps tinha o seu belo e inteligente sorriso. Em redor e até ao fundo horizonte, o mar sereno reluzia.

“De Port-Said ao Suez”, *Diário de Notícias*

O verdadeiro encanto da casa é o mucharabiea. O mucharabiea é uma janela ou um balcão saliente, todo fechado por uma gelosia de madeira. O mucharabiea tem todas as formas: é quadrado como uma gaiola; arredondado como o perfil duma cúpula; ogival e rendilhado como um pequeno nicho antigo. E sustentado por cariátides de madeira ou por duas traves que o mantêm como dois braços. Parece um relicário de igreja aplicado contra a fachada duma casa, e, como um relicário, é bordado, rendilhado, recortado, poetizado.

*O Egito. Notas de Viagem*

Quando chegámos às Pirâmides já o sol cobria a Esfinge com seu manto de ouro. É certamente aquele o campo funerário do Egito. O Egito é um grande túmulo – e uma grande origem da vida. Em parte alguma o contraste da morte e da vida, no que elas têm de mais belo – a história e a família –, oferece um aspecto mais profundo. Em parte alguma tem a história um cemitério mais largo do que na lívida terra do Egito, em toda aquela região que orla o vale do Nilo. Tudo ali é morto. Não só os reis têm ali o seu sepulcro: têm-nos as religiões, têm-no as cidades: é o deserto!

*O Egito. Notas de Viagem*

De longe, envolvidas na luz, apresentando às vezes decorações adoráveis no fundo verde-negro da paisagem, as Pirâmides são transparentes, rosadas, penetradas e vivificadas pelo azul, limpas e graves. (...)

Em toda a paisagem do Baixo Egito, nas proximidades do Cairo, elas são as eternamente presentes: vêm-se das ruínas de Damietta, ao fundo da verdura plana e lisa, no infinito horizonte, rosadas pela luz: vêm-se do Cairo, estendendo no deserto a sua sombra imensa; vêm-se do Nilo, no ocaso sublime em que o céu tem resplendores metálicos e todo o Nilo – com as suas vegetações fortemente recortadas, sob as nuvens abraçadas no céu raivosamente amarelo – parece uma paisagem de bronze e ouro.

Vêm-se sempre, irmãs, iguais, com o seu perfil fino, duma pureza infinita.

*O Egito. Notas de Viagem*

Recebi, há pouco, a sumptuosa «cabaia» (...). Com certeza me trouxeste da China um presente esplêndido! Mas tenho medo, amigo, de não ser competente para dignamente usar essa nobre vestimenta de Mandarim erudito! Oh Bernardo, onde tenho eu as qualidades precisas para me poder encafiar com coerência dentro daquelas sedas literárias? Onde tenho eu – o austero escrúpulo gramatical, a dogmática pureza da forma, a sólida gravidade dos conceitos, o religioso respeito da tradição, a serena e amável moral, o optimismo clássico de um bom letrado chinês, membro facundo da Academia Imperial? Onde tenho eu sobretudo a pança para encher aquelas pregas amplas e mandarinais? Eu não tenho a pança! Nem a mão fina, de unhas ilimitadas, para sair com graça daquelas mangas abundantes e cheias de austeridade. Nada tenho para a «cabaia» magnífica!

Carta ao Conde de Arnoso - domingo 1889

Havia um quiosque no jardim sob os sicômoros, que se denominava, à maneira chinesa, do Repouso Discreto: – ao lado um arroio fresco ia cantando docemente sob uma pontezinha rústica pintada de cor-de-rosa. As paredes eram apenas um cadeado de bambu fino forrado de seda cor de ganga: o sol, passando através delas, fazia uma luz sobrenatural de opala desmaiada. Ao centro afofava-se um divã de seda branca, de uma poesia de nuvem matutina, atraente como um leito nupcial. Aos cantos, em ricas jarras transparentes da época Yeng, erguiam-se, na sua gentileza aristocrática, lírios escarlates do Japão. Todo o soalho estava recoberto de esteiras finas de Nanquim; e junto à janela rendilhada, sobre um airoso pedestal de sândalo, pousava aberto ao alto um leque formado de lâminas de cristal separadas, que a aragem entrando fazia vibrar, numa modulação melancólica e terna.

*O Mandarim*

Então, uma portinha branca, sumida no muro caído, rangeu a um canto, de leve: e uma figura entrou, velada, vaga, vaporosa. Amplos calções turcos de seda carmesim tufavam com languidez, desde a sua cintura ondeante, até aos tornozelos, onde franziam, fixos por uma liga de ouro; os seus pezinhos mal pousavam, alvos e alados, nos chinelos de marroquim amarelo; (...). Espreguicei-me, tímido de desejo.

Por trás dela Fatmé, com a ponta dos dedos, ergueu-lhe o véu devagar, devagar – e de entre a nuvem de gaze surgiu um carão cor de gesso, escaveirado e narigudo, com um olho vesgo, e dentes podres que negrejavam no langor néscio do sorriso. (...) A circassiana, requebrando-se, com o seu sorriso pútrido, veio estender-nos a mão suja, a pedir «presentinhos» num tom rouco de aguardente. Repeli-a com nojo. Ela coçou um braço, depois a ilharga; apanhou tranquilamente o seu véu, e saiu arrastando as chinelas.

*A Relíquia*

Mas, para mim, a beleza especial e nova estava na multidão festiva [celebração do Beiram no Cairo] que atulhava as praças e os bazares – e que Fradique, através do rumor e da poeira, me explicava como um livro de estampas. Com quanta profundidade e miudeza conhecia o Oriente este patricio admirável! (...) ia apontando, nomeando à minha curiosidade flamejante essas estranhas figuras, (...) – aqui Fellahs, ridentes e ágeis na sua longa camisa de algodão azul; além beduínos sombrios, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o pesado alfange de bainha escarlata pendurado no peito; mais longe Abadiehs, de grenha em forma de meda, eriçada de longas cerdas de porco-espinho, que os coroam de uma auréola negra... Estes, de porte insolente, com compridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas reluzindo nas cintas de seda, e curtos saio-tes tufados e encanudados, eram Arnautas da Macedónia; aqueles, belas estátuas gregas esculpidas em ébano, eram homens do Senar; os outros, com a cabeça envolta num lenço amarelo cujas franjas imensas lhes faziam uma romeira de fios de ouro, eram cavaleiros do Hedjaz...

*A Correspondência de Fradique Mendes*